



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## OS CIGANOS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**Márcio Augusto Scherma<sup>1</sup>; Tatila Haselhorst Urizar<sup>2</sup>; Renata Azambuja Eberhart<sup>3</sup>; Emilli Amarilha Faria<sup>4</sup>; Fernando Vilela de Melo<sup>5</sup>;**

<sup>1</sup> UFGD-FADIR, C. Postal 2100, 79.824-140 - Dourados/MS, E-mail: marcioscherma@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados, E-mail: tatila.urizar@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados, E-mail: renata\_eberhart@hotmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados, E-mail: emilli.amarilha@hotmail.com;

<sup>5</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados, E-mail: ferufgd@hotmail.com

### RESUMO

O trabalho realizado apresenta uma abordagem descritiva sobre os ciganos. Menciona primeiramente a origem, a história, a divisão dos grupos e alguns costumes. Discorre também sobre a discriminação, a relação com as fronteiras e um dos casos polêmicos como o da França de 2010. Com bases em estudos existentes apresentamos uma pesquisa sobre as referências bibliográficas e sobre como os ciganos são estudados em textos acadêmicos. Um dos objetivos principais foi mostrar o problema da generalização e de referências não confiáveis oriundos de estudos superficiais e a crença nas hipóteses. A fim de mostrar os ciganos nas suas especificidades, esta pesquisa seria um estímulo aos analistas de Relações Internacionais a se debruçarem sobre este vasto tema, ajudando-os a se tornarem mais conhecedores e como consequência, diminuir o preconceito contra estes povos.

**Palavras-chave:** 1. Ciganos; 2. Preconceito; 3. Generalização

## INTRODUÇÃO

Os povos ciganos sempre trouxeram um ar misterioso. As imagens das tendas, da leitura de mãos, roupas coloridas e extravagantes fazem parte do imaginário das pessoas sobre estes povos. Eles realmente têm muitos mistérios e segredos a começar pela sua origem. Esta é completamente incerta. Até mesmo os próprios ciganos a desconhecem. A falta de documentos conhecidos e até mesmo o pouco interesse demonstrado pelos ciganos em sabê-la contribui para a falta de informações.

É possível que eles tenham origem indo-europeia. Sabe-se que realizaram andanças por toda a Europa e Ásia e se miscigenaram com vários povos. Por isso, a cultura cigana possui características de vários lugares do mundo. Desde a Idade Média, quando os ciganos chegaram a Europa há notícia do preconceito contra eles. Alguns motivos seriam porque eles praticavam furtos ou simplesmente por serem ciganos. Políticas anti-ciganas foram adotadas em toda a Europa. A pior delas foi praticada na Alemanha e culminou no Holocausto cigano.

Há muitas passagens tristes por trás da história destes povos. Preconceito e discriminação existem até hoje. A imagem de ladrão, trambiqueiro e vagabundo ainda são fortes. Muitos ciganos são excluídos dos direitos mais básicos como saúde, habitação, emprego. Na Europa, eles são uma minoria social bastante expressiva.

Os povos que hoje se denominam ciganos pertencem a três grupos diferentes: Rom, Sinti e Calon. Esses grupos diferem em vários aspectos. É muito comum os autores generalizarem a cultura cigana como se ela fosse única. Esse é um dos maiores problemas da bibliografia cigana também chamada de ciganologia. Assim, há muitas referências que não são confiáveis. Mas estudos antropológicos e trabalhos acadêmicos podem ser fontes verdadeiras.

Este trabalho está dividido em quatro partes. A primeira discute aspectos gerais dos ciganos. Se incluem aqui origem, história, quem são ciganos, os três grupos além de alguns costumes. A segunda parte trata dos ciganos e as Relações Internacionais com as questões de fronteira e o caso da França de 2010. A terceira parte mostra assuntos sobre ciganos discutidos em textos acadêmicos como o estudo de caso de ciganos em Portugal. E a última parte discute as referências existentes sobre os ciganos. O objetivo deste trabalho é apresentar ao leitor um pouco da cultura cigana vista sob uma perspectiva das Relações Internacionais.

## 1. ASPECTOS GERAIS (HISTÓRIA DOS CIGANOS, COSTUMES, OS CIGANOS NO BRASIL)

A hipótese mais usada sobre a origem dos ciganos sustenta que eles são indo-europeus. Essa hipótese se baseia nas semelhanças entre a língua romani ou romanês, uma das línguas ciganas e as línguas indianas como o sânscrito. Mas muitos outros elementos culturais evidenciam claramente o oposto. Somente semelhanças linguísticas não são suficientes para determinar a origem de um povo. (AVRAHAM, 2013). O que pode ter acontecido é que os ciganos moraram na Índia durante algum tempo. Assim, se miscigenaram com os indianos e incorporaram alguns elementos em seu idioma.

Todas as teorias que tentam demonstrar a origem indiana dos ciganos mostram a falta de evidências. São apenas hipóteses. Os ciganos não se assemelham com nenhum povo da Índia simplesmente porque não eram de lá. É provável que os ciganos tenham morado na Pérsia e outros países do Oriente Médio antes de chegarem à Europa. Em Bizâncio eram conhecidos como *atinghanoi*, da onde derivam os termos *cigány*, *tsigan*, *zingaro*. Sabe-se que habitaram a Armênia e o Irã antes de chegarem a Europa pelo estreito Bósforo.

Um dos primeiros documentos referentes aos ciganos data do ano 1050 (MOONEN, 2013). O imperador de Constantinopla pediu ajuda de adivinhos e feiticeiros para matar animais ferozes. Sabe-se que vários grupos de ciganos migraram para a Grécia. O lugar em que moraram era chamado por eles de “Pequeno Egito”. No século XV migraram para a Europa Ocidental.

Por causa da suposta origem egípcia foram chamados de “egípcios” ou “egitanos” (MOONEN, 2013). Assim, ficaram conhecidos como *gypsy* em inglês, *gitan* em francês ou *gitanos* em espanhol. Já o termo “cigano” em português e *zingaro* em italiano vem de *atsinganos* do grego. Na França, também ficaram conhecidos como *romanichel*, *manouches* ou *boèmiens*. Foram muito confundidos com os povos da Sibéria e Ásia Central chamados *tártaros*.

É muito difícil, senão quase impossível saber a origem exata dos ciganos. Eles mesmos desconhecem. Não existem documentos escritos sobre isso. Os próprios ciganos parecem não ter interesse sobre sua origem, o que dificulta esse estudo.

No século XII, os ciganos migraram da Turquia para a Europa Central e Oriental. Muitos foram capturados e escravizados até o século XIX na Romênia e nos Bálcãs. Não se sabe o motivo desse fato. Podiam ser servos ou prisioneiros de guerra. A maioria era Rom-Kalderash. Esse grupo herdou alguns costumes romenos. Entre eles está o *kris*, espécie de tribunal e a *pomana*, o ritual funerário.

No século XV, os ciganos migraram para a Europa Ocidental. As primeiras notícias são da Alemanha. Trabalhavam como dançarinos e saltimbancos nas praças e feiras. Pernoitavam fora das cidades ao ar livre e andavam em grupos de tamanhos variáveis. Alguns escritores falam que eram “indivíduos com uma pele escura ou preta, de aparência horrível e com alguns hábitos nada agradáveis” (MOONEN, 2013: 19).

Realizavam outras atividades como esoterismo, leituras de mãos, pediam esmolas e praticavam furtos. Por isso, já nessa época, os ciganos passaram a ser malvistas. Políticas anti-ciganas passaram a ser adotadas em vários países da Europa. Foram perseguidos e expulsos de várias cidades. E esse preconceito contra os ciganos é visto até hoje.

O holocausto mais famoso foi contra os judeus. Mas ciganos também foram perseguidos e mortos em campos de concentração. Essa parte da História quase nunca é lembrada. As indenizações e os monumentos tratam sempre do holocausto judaico. Estima-se que foram mortos de 250 a 500 mil ciganos. Este é o chamado “holocausto esquecido”.

O preconceito contra os ciganos já vinha desde muito antes na Alemanha. Um dos motivos eram as suas passagens criminais. Assim, os ciganos foram exterminados por motivos raciais, sociais e também por serem criminosos natos. Auschwitz foi o campo de extermínio que mais recebeu ciganos – cerca de 23 mil, dos quais 20 mil morreram (MOONEN, 2013). Outros campos também receberam ciganos.

Antes da Segunda Guerra, a maioria dos ciganos da Alemanha já havia sido registrada através do Serviço Central de Combate a Praga Cigana. Este foi o mais eficiente do mundo para o registro de ciganos.

Os primeiros ciganos do Brasil eram de Portugal e vieram deportados para cá (MOONEN, 2013). O primeiro cigano pode ter sido João de Torres, sua mulher Angelina e os filhos. Eram muito miseráveis e foram expulsos de Portugal apenas porque eram ciganos. Mas não se sabe se eles realmente chegaram ao Brasil. Essa história é uma hipótese.

A deportação oficial de ciganos começou em 1686. Eram enviados principalmente para o Maranhão, mas também foram para outras capitanias. Em Minas Gerais há registros desde o século XVIII. O preconceito contra eles era grande. Eles praticavam furtos e somente por serem ciganos eram culpados por todas as coisas ruins que aconteciam. Em São Paulo, também há notícia. Tiveram que abandonar a cidade por causarem perturbações. Constatou-se que eram expulsos de um lugar para o outro.

No século XIX, ficaram conhecidos também como vendedores de escravos. Outros ciganos trabalhavam com metais como os caldeireiros, ourives. Outros eram músicos e dançarinos. Isso mostra que nem todos praticavam atividades subversivas. No século XX, chegaram os ciganos Rom de origem balcânica e também da Rússia. As ciganas que trabalhavam com atividades esotéricas eram perseguidas pela polícia.

Um dos fatos mais interessantes é que o ex-presidente Juscelino Kubitschek era um descendente de ciganos. Ele era descendente de Jan Nepomusky Kubitschek, um cigano Rom vindo da Boêmia. Ele chegou a Minas Gerais por volta de 1830-1835 e se casou com uma brasileira (TEIXEIRA, 2007).

Hoje não é possível saber o número exato de ciganos no Brasil. A maioria dos estudos fala sobre ciganos Rom e Calon. Mas também devem existir ciganos Sinti. Todos os números apontados são suposições, pois não se baseiam em dados confiáveis. Nem mesmo o IBGE sabe dizer. Não existe a opção “cigano” no censo. Alguns afirmam 150.000, outros, 600.000. É possível que Minas Gerais tenha uma das maiores concentrações.

Segundo Avraham (2013), hoje os ciganos estão divididos em três grandes grupos:

1. **Rom.** Também chamados de Roma. Falam a língua romani. São predominantes nos países bálticos. No século XIX migraram para países europeus e também para as Américas. São divididos em vários sub-grupos como Kalderash, Lovara, Matchuaia, Curara.
2. **Sinti.** Falam a língua sinto. São predominantes na Alemanha, Itália e França onde são conhecidos como Manouch.
3. **Calon** ou Kalé. São os ciganos ibéricos, predominantes em Portugal e Espanha. Também estão presentes em outros países da Europa e na América do Sul.

Os nomes dos sub-grupos geralmente derivam das localizações geográficas e das profissões. Os kalderash eram caldeireiros, os ursari, domadores de ursos. É comum estudos estabelecerem a língua romani para todos os ciganos. Mas a verdade é que eles falam várias línguas e dialetos, dependendo do grupo a que pertencem. Assim, não existe uma língua cigana universal, padronizada. Alguns ciganos falam somente a língua do país em que vivem e não falam nenhuma língua cigana.

Os ciganos mais estudados são os Rom. Por isso, tende-se a generalizá-los como se fossem todos os ciganos. Mas os grupos apresentam muitas diferenças. Assim como não existe uma língua cigana universal também não existe uma cultura cigana universal. O nomadismo, presente em todo o imaginário sobre os ciganos está muito mais presente entre os Calon do que entre os Rom. Pode-se dizer que a generalização é um dos maiores problemas dos estudos sobre os ciganos.

Existe muito preconceito até mesmo entre os próprios ciganos. Os Rom, principalmente os Kalderash se consideram os ciganos “verdadeiros”. Todos os outros são de “segunda categoria”. Por exemplo, eles criticam os ciganos nômades, pois consideram esse um ato primitivo. Já os nômades criticam os sedentários por estarem perdendo a tradição. O fato é que não existem ciganos puros. Ao longo dos séculos e por todos os países em que passaram, a miscigenação foi grande entre eles.

Muitos ciganos de outros grupos se vestem como Kalderash. Mulheres não-ciganas que praticam atividades esotéricas como leitura de mãos se vestem como ciganas, muitas vezes usando uma fantasia carnavalesca, só para chamar mais atenção. “Porque neste caso, mais importante do que ser cigana, é parecer cigana, de preferência Kalderash” (MOONEN, 2013: 16). Muitos ciganos não usam mais as roupas típicas e se vestem igual às pessoas de seu país.

Essa discussão entre ciganos autênticos e outros ciganos traz uma discussão de quem é ou não cigano. A definição adotada no Brasil segundo Moonen é: “cigano como cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se autoidentifica como Rom, Sinti, ou Calon, ou um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro” (2013: 18).

Alguns dos costumes mais famosos se referem aos ciganos Rom, especialmente os Kalderash. Possuem ligação com a cultura hebraica e romena. São monotéistas, creem em Deus e acreditam que é possível dialogar e conversar.

Acreditam em coisas puras e impuras (AVRAHAM, 2013). Chamam de “marimé” as coisas impuras. A pessoa falecida é impura, assim como tudo o que está relacionado à sua morte. A parte inferior do corpo humano, abaixo dos órgãos genitais é impura. Os fluxos que vem de dentro do corpo são impuros. As roupas devem ser levadas separadamente. A mesa é um local puro, pois não entra em contato com a parte inferior do corpo.

Assim, o nascimento é um evento impuro e deve ocorrer isolado. A roupa e a cama que a mãe usou devem ser queimadas e a tenda deve ser vendida. A mãe é considerada impura por 40 dias e não deve entrar em contato com coisas puras e aparecer em público e na presença de anciãos.

Já no casamento, a família do noivo deve pagar o dote à família da noiva. Também existe o pano da virgindade que deve ser mostrado à comunidade após a primeira relação. Os ciganos se relacionam de maneira diferente entre eles e com os *gadjôs* (todos os não-ciganos). Estes são muitas vezes considerados impuros por não conhecerem os rituais da *marimé*. Entre si são cordiais e respeitosos.

O “kris” é uma espécie de Corte de Justiça dos ciganos e é composta por uma assembleia de anciãos. O único povo que também possui a tradição do puro/impuro são os judeus. Por isso, eles não são considerados completamente *gadjôs* e são uma espécie de transição. Já o flamenco foi herdado dos judeus e desenvolvido pelos ciganos.

## **2. CIGANOS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS (QUESTÕES DE FRONTEIRA)**

Tradicionalmente os ciganos são conhecidos como povos nômades e desprovidos de um território próprio, circunscrito em fronteiras físicas. Os ciganos se definem como uma nação sem um território compacto e, sobretudo, sem pretensões de tê-lo. Não reivindicam o espaço senão o direito e a justiça. As comunidades ciganas desejam situar-se numa dinâmica progressiva orientada à integração social, a igualdade de direitos, o rechaço da exclusão e o respeito mútuo de todas as identidades representadas no mundo (TEIXEIRA, 2009).

A divisão fronteira é vista como uma linha inimiga para muitos ciganos, uma vez que representa uma fratura na continuidade do espaço. Mas outros grupos ciganos, como os Rom

abandonaram os hábitos nômades e agora assumem a identidade cidadã no país em que escolheram se fixar.

Assim, a relação entre Estado e povos nômades, sempre foi conturbada devido ao fator *territorialidade*. De forma que restavam duas alternativas para o Estado: ou deixar que os ciganos passassem rapidamente por seu território; ou fazer com que eles se fixassem no mesmo. Alguns Estados têm tentado forçadamente fixar os grupos ciganos, ao alegar que o nomadismo representava uma ameaça ao sucesso material e a segurança ontológica do Estado, enquanto instituição.

Porém, outros Estados buscam a alternativa inversa. Foi o que ocorreu, por exemplo, na França, em julho de 2010. O governo francês, ao invés de fixar os ciganos em seu território, promoveu o retorno em massa dos Rom à Romênia e Bulgária.

Desde 2007 que a Romênia e a Bulgária fazem parte dos Estados Membros da União Europeia. Dessa forma, além de um mercado comum entre as partes, suas populações podem circular pelos países membros sem a necessidade de passaporte. Porém o que se percebeu foi que, para os ciganos, as “fronteiras abertas” não se mostraram tão abertas assim.

Estima-se que 15 a 20 mil membros da etnia Rom vivam na França, a maioria deles oriundos da Romênia e Bulgária. A repatriação começou quando o presidente francês, Nicolas Sarkozy iniciou o movimento de remoção dos acampamentos ilegais, com base nas regras de imigração francesa. Estas obrigam os estrangeiros a obterem uma permissão de trabalho ou autorização de permanência, caso tenham a intenção de permanecer no país por mais de três meses.

O Ministério do Interior da França divulgou uma circular solicitando a evacuação de trezentos acampamentos ou assentamentos ilícitos, com prioridade nos acampamentos habitados pelos Rom. O governo ainda pagava aproximadamente 300 euros para cada cigano se retirar do país.

A Comissão Europeia ameaçou entrar com uma ação legal contra Paris pela deportação, qualificando-a como deplorável e ilegal. Segundo alguns especialistas, essa circular contraria os princípios de não discriminação, de livre circulação das pessoas, bem como o seu direito de permanência garantido pelos tratados europeus e detalhados pela diretiva 38/2004. Tal medida também contradiz os preceitos da Convenção Europeia dos Direitos Humanos, que impede ações de discriminação com base em aspectos de nacionalidade, raça ou etnia.

Ao final de 2010, mais de mil ciganos ilegais na França já haviam sido repatriados. E ao voltarem para Romênia, por exemplo, a situação não se tornou mais favorável. Na capital do país,



Bucareste, dos diversos blocos habitacionais que restaram da época soviética, os piores desses blocos (com um só cômodo e banheiros comunitários) são destinados ao povo Rom. Boa parte desse povo não é escolarizada (muitas vezes por sua própria tradição, onde acreditam que ir a escola faz com que percam sua identidade étnica). Sem estudo não conseguem um bom emprego e assim, tentam ganhar algum dinheiro vendendo sucata.

E com o baixo nível escolar, fica cada vez mais difícil para esse grupo cigano reivindicar por direitos de cidadania e políticas inclusivas, de forma que eles optam pela alternativa mais fácil: se mudar para a França (ou qualquer outro país do Ocidente), e tentar uma vida melhor. Ato que muitos Rom fizeram, ou seja, voltaram para a França mesmo depois de serem expulsos.

Em Agosto de 2010, o Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial (CERD), da ONU, pediu que a França garantisse para os ciganos de seu território, o acesso à educação, saúde, habitação e infraestrutura temporárias, em respeito ao princípio da igualdade. Atualmente, a União Europeia está monitorando a França para que as regras de livre circulação de pessoas sejam respeitadas.

Para a antropóloga Daniela Rodrigues, integrante da organização não governamental SOS Racismo, ao ser entrevistada pela Agência IPS (*Inter Press Service*) fez severas críticas a essa atitude. Afirmou que as expulsões dos ciganos do território francês correspondem a “uma estratégia política populista”. Porque “ao invés de fazer um controle de imigração em geral, com todos indocumentados, o que fazem são operações contra uma minoria étnica específica, que obedece a uma estratégia populista”. (MARTINS, 2010).

Os ciganos são a maior minoria étnica da Europa, somando aproximadamente entre 10 e 16 milhões de pessoas. A maior parte habita o Leste Europeu, especialmente na Romênia, Bulgária, Eslováquia e Hungria. Por fim, para muitos críticos, a atitude do governo francês foi comparada à dos nazistas. Isso porque persegue uma totalidade malquista no território do Estado-Nação, forçando a deportação dos ciganos, vistos como marginais, sujos, ladrões e indesejáveis. Atitude deplorável e praticamente inaceitável em pleno século XXI.

Apesar de tudo, há exceções nesse contexto de exclusão. Existem políticas pró-ciganas adotadas na Europa. Além de raras, elas são relativamente recentes. Passaram a ser criadas a partir do final dos anos 60 influenciadas pelo escândalo do holocausto cigano e também pela atuação de organizações internacionais. No Brasil, esse tipo de política é bem mais recente sendo adotada somente a partir dos anos 2000.

### 3. O QUE É FALADO SOBRE CIGANOS?

O maior problema para quem decide estudar ciganos é a bibliografia escassa. Livros sobre ciganos são muito difíceis de encontrar. A internet é uma ótima ferramenta que facilita a busca por literatura cigana.

O ensaio de Frans Moonen (2011) apresenta estudos e autores ciganos no Brasil. Nesta obra é afirmado que alguns autores ciganos dizem que nem tudo pode ser revelado sobre sua cultura. Outros autores dizem que quanto mais revelarem, menos serão mal entendidos.

A cultura cigana é pouco estudada. O campo acadêmico possui a maior parte da produção ciganológica brasileira. A partir dos anos 80, muitas monografias, teses e dissertações foram produzidas sobre o tema. Muitos desses textos foram baseados em teorias e pouco se fala realmente da cultura desse povo.

Entre os séculos XVI e XIX construiu-se uma imagem negativa sobre esses grupos étnicos. Muitos escritores descreviam os ciganos como ateus, desocupados e ligados à magia e ao sobrenatural (SIMÕES, 2011). Os acadêmicos tiveram um papel importante para divulgar a verdadeira identidade desses povos.

Durante muito tempo, os ciganos sofreram com perseguições e discriminações. A exclusão social é citada em muitos textos. No entanto, atualmente na Europa, alguns países possuem legislações específicas a favor dos direitos dessa cultura. No Brasil, a constituição de 1988 contribuiu para o estabelecimento de cláusulas que garantem os direitos das minorias étnicas (SIMÕES, 2010).

A tese de Olga Magano (2010) apresenta um estudo de caso sobre uma comunidade cigana Calon de Portugal. Através das entrevistas constatou-se que a educação é um elemento bastante valorizado por esse grupo cigano. Eles acreditam que o estudo trará oportunidades de maior integração social e também de uma vida melhor. Crianças ciganas que estudam com crianças não ciganas entram em contato com elementos que não fazem parte de sua cultura. Desta forma, mantêm-se aspectos tradicionais ciganos, mas inicia-se um processo de interação entre ambas as culturas.

Os ciganos desse grupo frequentam escolas normais de acordo com a sua idade. Depois frequentam cursos profissionais e alguns já frequentam o nível superior. Nada que se diferencie de pessoas não ciganas. Não existe uma escola para se aprender a ser cigano. Se a criança nascer numa comunidade cigana, naturalmente aprenderá todos os costumes com a família e será cigana.

Com relação à habitação, o grupo mora em casas arrendadas ou próprias. Os adultos passaram a sua infância em tendas ou barracas. Hoje, estes adultos desempenham trabalhos remunerados fora da comunidade que permite ter um rendimento fixo. Mas, segundo Magano (2010), mesmo com escolaridade e capacitação é difícil conseguir emprego. Há preconceito tanto fora quanto dentro da comunidade cigana. Segundo a autora, parece que eles fizeram um esforço para sair dos ciganos.

É possível perceber que os meios de comunicação, principalmente a televisão e a internet, estão cada vez mais presentes na vida dos jovens ciganos e, desta forma, influenciam sua cultura.

Na atualidade, muitos ciganos estão inseridos na cultura “não cigana”. Mulheres ciganas cuidam da casa, dos filhos e tem um emprego que auxilia na renda familiar. É importante destacar que, de acordo com as tradições ciganas, a mulher deve cuidar da casa e dos filhos, pois o homem é quem trabalha para obter a renda. O homem tem total liberdade para namorar, gastar dinheiro. O mesmo não acontece com as mulheres.

O casamento com não ciganos também é um fator de integração. Depende de cada grupo a abordagem sobre esse assunto. Alguns aceitam normalmente. Para outros é um ato abominável e corresponde a uma vergonha para a família. Segundo o estudo de Magano (2010), ainda são muito comuns os casamentos precoces. É uma forma de fazer os jovens continuarem dentro da tradição.

A cultura cigana tem se adaptado e sobrevivido ao longo do tempo. Embora haja pouca bibliografia, é um assunto que vem sendo estudado cada vez mais, principalmente em trabalhos de conclusão de curso.

Em suma, a maioria dos textos acadêmicos possui caráter antropológico, apresenta a história da cultura cigana, o sofrimento desse povo por causa da exclusão social. Também mostra a forma como a educação é vista para melhorar as condições de vida e o impacto das mídias sobre as tradições.

#### 4. REFERÊNCIAS SOBRE CIGANOS

Ciganólogos são aqueles que se dedicam a estudar os ciganos. O sociólogo e antropólogo Frans Moonen é um dos maiores estudiosos sobre o tema. Holandês, naturalizado brasileiro dedicou-se primeiramente a questões indígenas. Há mais de vinte anos faz estudos sobre ciganos. Segundo este autor, a literatura brasileira ainda é muito pequena apesar de estar em expansão. O primeiro autor brasileiro que falou sobre o tema é Melo Moraes Filho com os livros Cancioneiro dos Ciganos (1885) e Os Ciganos no Brasil (1886).

Nos anos 90, o tema ciganos entrou em pauta na mídia. O assunto se tornou popular em novelas como Explode Coração de Glória Perez. Aumentou o interesse e a curiosidade da população sobre o tema. Surgiram várias obras sobre ciganos a partir de então. Mas, segundo Moonen (2013), estas obras carecem de pesquisa científica e colocam a cultura como se fosse única. Muitos autores fazem estudos superficiais e desconhecem a existência dos três grupos. A generalização é um dos maiores problemas sobre estudos ciganos.

Assim, faltam referências confiáveis sobre este tema. Além das generalizações, muitas obras e sites tratam de assuntos esotéricos. Os autores ciganos podem oferecer estudos interessantes. Mas é preciso tomar cuidado mesmo com eles, pois podem haver erros nos seus estudos. Outros podem levar o estudo para o seu grupo específico. Alguns autores ciganos brasileiros são Oswaldo Macedo (1992), Jordana Aristichth (1995), Hugo Caldeira (1996) e Sally Liechocki (1999).

Alguns trabalhos acadêmicos como teses de doutorado podem ser referências confiáveis devido à quantidade de detalhamento do trabalho. Os antropólogos são um dos que mais se interessam pelo assunto. São feitos estudos de caso de ciganos em Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entre estes autores se incluem Rodrigo Corrêa Teixeira, Moacir Locatelli e Maria de Lourdes Sant' Ana. Estes dois últimos foram os pioneiros nestes estudos. Mas existem desafios na realização destes estudos. Alguns grupos ciganos não são muito receptivos e podem não querer falar sobre sua cultura. Outros podem mentir e oferecer respostas contraditórias.

Em língua portuguesa, estudantes das universidades contribuem com estudos antropológicos. São feitos vários estudos de caso com as comunidades ciganas de Portugal assim como foi apresentado. É possível dizer que existe mais literatura estrangeira do que brasileira.

Um dos motivos é o grande número de ciganos que existem na Europa e todas as questões sociais e culturais envolvidas por estes povos.

Já em Relações Internacionais, o estudo sobre ciganos é bem raro, mas não inexistente. Um dos expoentes é o professor de Relações Internacionais da PUC Minas, Rodrigo Teixeira. Isso nos leva a crer que este tema ainda pode ser muito explorado por esta área. Estudos sobre Direitos Humanos, questões sociais, políticas como o já citado caso da França são exemplos de temas para os analistas de Relações Internacionais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se pensa em minorias étnicas, dificilmente se pensa nos ciganos. No Brasil, a primeira que vem a cabeça são os índios. Na Europa, a situação muda devido à quantidade de comunidades ciganas. Estas constituem a maior minoria étnica da Europa. E não são somente tendas, roupas coloridas e esoterismo que os envolvem. Os ciganos vivem num contexto de pobreza, exclusão e preconceito desde os tempos mais remotos, desde que a presença deles passou a ser registrada na Europa.

As imagens de ladrão, trambiqueiro, vagabundo se arrastam pela Europa e também no Brasil. Eles são considerados indesejáveis em vários lugares do mundo. Um exemplo é o caso de várias famílias ciganas da França que foram deportadas para a Romênia. Estranho para um país que se considera desenvolvido, mas não consegue e não quer dar condições iguais para todos preferindo vê-los em outro lugar. Situações como essa acontecem em toda a Europa.

Deportação também foi a maneira com que os ciganos chegaram no Brasil. Os primeiros foram expulsos de Portugal simplesmente por serem ciganos, refletindo mais uma vez o preconceito. A maioria dos brasileiros ainda desconhece esses povos. A reação é de estranhamento e dúvida. A literatura ou ciganologia brasileira ainda é muito reduzida e está dando seus primeiros passos recentemente. Já a estrangeira é bem mais ampla. É preciso tomar cuidado com a literatura cigana. A generalização é o maior problema, pois muitos autores desconhecem a existência dos três grupos.

Preconceito, exclusão social são alguns dos muitos problemas vivenciados pelos ciganos. Eles acabam envolvidos em polêmicas que envolvem questões políticas, econômicas, sociais. E tudo isso pode ser estudado. Espalhados por todo o mundo e com uma rica cultura, os ciganos são um novo e belo tema quase inexplorado em Relações Internacionais.

Vai levar tempo ainda para que os ciganos sejam vistos separados de estereótipos e imagens anticiganas. Uma parte disso é devido à ignorância de pessoas que não querem enxergar a riqueza da sua cultura. Os analistas em Relações Internacionais têm muito a contribuir com sociólogos e antropólogos. Levar o conhecimento dessas culturas a pessoas comuns poderá diminuir o preconceito e incentivar a criação de mais políticas pró-ciganas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVRAHAM, Sándor. **A verdadeira origem dos ciganos (Rom e Sintos)**. Traduzido por João Romano Filho. Disponível em:< <http://www.imninalu.net/Rom-ciganos.htm>> Acesso em: 16 dez, 2013.

DALEY, Suzanne. **Ciganos testam as “fronteiras abertas” da Europa**. Disponível em:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/09/ciganos-testam-fronteiras-abertas-da-europa.html>> Acesso em: 25 jan, 2014.

LABBE, Chine; Vinocur, Nicholas. **“UE diz monitorar França por expulsão de ciganos.”** Disponível em:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/ue-diz-monitorar-franca-por-expulsao-de-ciganos.html>> Acesso em: 25 jan, 2014.

MAGANO, Olga. **“Tracejar vidas normais”** – Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa. Tese de Doutorado em Sociologia – Especialidade: Relações Interculturais. Universidade Aberta. Portugal. 2010.

MAIL FOREIGN SERVICE. **‘Disgrace’**: EU chief accuses French minister of lying over Gypsies’ deportation and compares government to Nazis. Disponível em:< <http://www.dailymail.co.uk/news/article-1311924/EU-chief-Viviane-Reding-accuses-French-minister-lying-Gypsies-deportation.html>> Acesso em: 25 jan, 2014.

MARTINS, Antônio. **Dez Séculos de Discriminação**. Traduzido por Cauê Ameni. Disponível em:< <http://outraspalavras.net/posts/dez-seculos-de-discriminacao/>> Acesso em: 25 jan, 2014.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos (NEC), 2013.

\_\_\_\_\_. **Os estudos ciganos no Brasil: 1885-2010**. Livro em versão digital, dhnet.org. Recife: 2011.

NEUER, Laurance. **Expulsions des Roms: que dit le droit?** Disponível em:< [http://www.lepoint.fr/chroniqueurs-du-point/laurence-neuer/expulsions-des-roms-que-dit-le-droit-13-09-2010-1235737\\_56.php](http://www.lepoint.fr/chroniqueurs-du-point/laurence-neuer/expulsions-des-roms-que-dit-le-droit-13-09-2010-1235737_56.php)> Acesso em: 25 jan, 2014.

ODC – Observatório da Diversidade Cultural. **População cigana no Brasil**, diversidade historicamente ignorada. Disponível em: <<http://observatoriodiversidade.org.br/site/populacao-cigana-no-brasil-diversidade-historicamente-ignorada/>> Acesso em: 15 abr, 2014.

SIMÕES, Sílvia. Migrações, ciganos e literatura. **Revista Lumen et virtus**, v.2, n.5, p.185-192, set. 2011.

\_\_\_\_\_. Educação cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica. **REP-** Revista Espaço Pedagógico, v.7, n.2, Passo Fundo, p.348-355, jul/dez. 2010.

TEIXEIRA, Rodrigo. Corrêa. **Ciganos em Minas Gerais**: breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

TEIXEIRA. **Territorialidade e Cultura de Fronteira**. Disponível em:<  
<http://www.mostracaravanacigana.com.br/textos/territorialidade-e-cultura-de-fronteira/>> Acesso em: 25 jan, 2014.